

HERBERT MARCUSE NO CONTEXTO DE FUNDAÇÃO DA ESCOLA DE FRANKFURT

*Profa. Ms. Janine Barreira Leandro**

Resumo: Herbert Marcuse, filósofo da Escola de Frankfurt, escreve em 1964 a obra “A Ideologia da Sociedade Industrial, apresentando uma teoria de crítica às novas formas de dominação existentes nas sociedades industriais avançadas. O livro “A Ideologia da Sociedade Industrial” representa um questionamento ao sistema capitalista (hoje globalizado) e uma crítica à tecnologia moderna, que define um estilo de vida ao homem, através de um ilusório modelo de liberdade de escolha. Impõe uma racionalidade tecnológica em relação à racionalidade individual, submetendo o homem a uma completa alienação. Há uma razão instrumental, imposta a todos, que constitui a ideologia da sociedade tecnológica avançada. Ideologia esta que controla a natureza, o corpo e a mente humana, fazendo com que a liberdade na sociedade industrial seja uma liberdade de morte.

Palavras-Chave: Marcuse; sociedade unidimensional; Escola de Frankfurt.

Abstract: Herbert Marcuse, philosopher from Frankfurt School, wrote in 1964, the work “Industrial Society’s Ideology”, presenting a theory of criticism to the new forms of domination those exist in advanced industrial societies. The book “Industrial Society’s Ideology” represents a discussion to capitalist system (today globalized) and a criticism to the modern technology, that defines a lifestyle for the man, through an illusory model of choice liberty. It imposes a technological rationality in relation to individual rationality, by subjecting the man to a complete alienation. There is an instrumental ratio, imposed to everybody, that constitutes the ideology of advanced technological society. This ideology controls nature, body and human mind, making that the liberty on industrial society be a death’s liberty.

Keywords: Marcuse; unidimensional society; Frankfurt School.

1. Herbert Marcuse e a Escola de Frankfurt

A história da Escola de Frankfurt pode-se dizer que teve seu começo em 1930, quando o filósofo de esquerda, Max Horkheimer, tornou-se o diretor do Instituto. O núcleo da Escola (Horkheimer, Theodor W. Adorno e Herbert Marcuse) era formado por estudiosos, frutos de uma cultura universitária muito refinada. Nascidos na virada

do século XIX tornaram-se doutores em filosofia nos fins da década de vinte e começos da de trinta. A publicação oficial dessa gestão passou a ser a Revista para a Pesquisa Social, com uma modificação importante: a hegemonia era não mais da economia (viés predominante no nascimento do Instituto de Pesquisa social, base para a Escola), e sim da filosofia.

Pertencia à Escola e ao Instituto um grande grupo de filósofos, estudiosos de ciências sociais de várias tendências e psicanalistas, pessoas com a idade entre trinta e quarenta anos, como Walter Benjamin e Erich Fromm. Politicamente, os adeptos eram socialistas “convictos”, e, em geral, eram contrários à participação em associações organizadas. O único membro do grupo que possuía uma experiência política prática era Marcuse, que fora expoente da esquerda social-democrata (USPD) em 1917-1918. Depois da tomada do poder pelos nazistas, em 1933, o Instituto foi obrigado a se transferir, primeiro para Genebra e Paris e depois para Nova York. Em 1950, o Instituto voltou para Frankfurt, onde sobreviveu como uma instituição acadêmica de sociologia e filosofia social.

O objetivo do Instituto e de sua famosa revista dos anos trinta, Zeitschrift für Sozialforschung (Revista de Pesquisa Social), era justamente “a pesquisa social”. Com esta denominação queriam indicar -- no tempo de Horkheimer -- que os trabalhos particulares nos vários campos teóricos e empíricos -- economia, psicologia, sociologia, a cultura em geral -- deveriam ser unidos com o objetivo comum de “contribuir para uma teoria da sociedade existente considerada como um todo”. O que esses trabalhos esforçavam-se por conseguir era “o conhecimento do desenvolvimento da sociedade em sua totalidade”. Desse ponto de vista, o problema central era entender que relações tinham as várias partes da sociedade histórica.

Na sua origem, por um longo tempo o Instituto foi estritamente marxista. O objetivo de seus fundadores e de toda sua primeira geração era apresentar um modelo de marxismo que pudesse ser uma alternativa ao conflito que dividia o próprio marxismo (social democracia e comunismo). Tratava-se, no momento de crise e fragmentação, de retomar a tradição do marxismo, com a consciência de que, a par das divergências políticas, o caminho para retomar a identidade do marxismo passava pela teoria.

O Instituto nasceu, portanto, como um esforço no sentido de aprofundar a teoria marxista, o que tinha nesse momento um sentido bem claro. Nos últimos anos do século XIX e nos primeiros do século XX

havia uma crença generalizada no desenvolvimento humano e social: acreditava-se que a humanidade estava se encaminhando para níveis de vida cada vez mais superiores. Essa crença na evolução e essa fé no progresso se assentavam, como hoje, no incessante desenvolvimento científico e tecnológico. O que se esperava, principalmente na Alemanha, era um futuro cada vez mais promissor. No entanto, a partir de 1914, toda uma geração foi morta nos campos de batalha (Primeira Guerra). Diante dos fatos que marcam o período histórico em que se desenvolveram as reflexões da Escola, o espírito que movia seus fundadores era o de que só de dentro do marxismo seria possível conhecer verdadeiramente o presente, a sociedade, o mundo que nos cerca, foi esta a preocupação com o "presente histórico" - no jargão da época - que moveu, em seus primórdios, a Escola de Frankfurt.

Uma análise da Escola de Frankfurt não é, pois, só um estudo histórico a respeito de uma brilhante escola alemã de filosofia, de teoria social e crítica da sociedade, mas representa também uma possibilidade de compreensão do atual debate político. No centro das reflexões dos pensadores da Escola encontramos tanto as mais importantes questões políticas como aqueles problemas teóricos com que o marxismo ocidental defrontou-se a partir de seu surgimento: o fascismo, o stalinismo, a guerra fria, a chamada sociedade do bem-estar, a revolução inacabada, entre outros.

Herbert Marcuse foi um dos integrantes do Instituto de Pesquisas Sociais, instituição que passou a chamar-se Escola de Frankfurt, formada por um grupo de intelectuais marxistas (p. ex: Max Horkheimer, Theodor Adorno, Walter Benjamin e Jürgen Habermas) que tentou explicar através do que denominaram de *Teoria Crítica*, o capitalismo ocidental e qual o papel desempenhado pela cultura como um poderoso elemento de dominação e conformismo. Reflexão que busca a emancipação - este deve ser o sentido de uma filosofia compreendida como Teoria Crítica.

Com a ascensão dos nazistas, em 1933, Herbert Marcuse, embarcou para o exílio nos Estados Unidos. Esse berlinense de origem judaica, nascido em 19 de julho de 1898, depois de peregrinar pela Universidade de Columbia, Harvard e Brandeis, chegou por fim à Califórnia, fixando-se na Universidade de San Diego.

2. Herbert Marcuse: reflexão sobre a sociedade tecnológica (Unidimensional)

2. 1. Racionalidade e totalitarismo

Em 1964, Herbert Marcuse escreve a obra “A Ideologia da Sociedade Industrial”, apresentando uma teoria de crítica às novas formas de dominação existentes nas sociedades industriais avançadas. O livro “A Ideologia da Sociedade Industrial” representa um questionamento ao sistema capitalista (hoje globalizado) e uma crítica à tecnologia moderna, que define um estilo de vida ao homem, através de um ilusório modelo de liberdade de escolha. Impõe uma racionalidade tecnológica em relação à racionalidade individual, submetendo o homem a uma completa alienação.

O filósofo alemão utiliza a expressão “sociedade unidimensional” justamente para demonstrar o controle que este tipo de sociedade exerce sobre as consciências humanas em que o homem é cooptado pela suposta eficácia do sistema, que promete a satisfação de nossas necessidades ao mesmo tempo em que produz outras necessidades que nós tomamos por primárias e ao tentar satisfazê-las acabamos por nos tornar reprodutores do próprio sistema. Uma sociedade onde tudo se troca por tudo; onde tudo é objeto de consumo, onde todas as nossas atividades, idéias e desejos estão sob controle de instâncias exteriores a nós e por nós desconhecidas.

A racionalidade tecnológica causa a “mecânica do conformismo” (Herbert Marcuse fala em “mecânica do conformismo”, afirmando que, diante da satisfação das suas próprias necessidades, o homem deixa de contestar o atual sistema capitalista de consumo), que nega qualquer tipo de manifestação individual revolucionária dentro de uma sociedade totalmente planejada (impede-se qualquer visão de contradição e de transcendência, pois o mundo como deveria ser é tomado pelo mundo como ele é). A racionalidade tecnológica apresenta-se em todos os setores da vida social, tornando os controles tecnológicos o símbolo da razão: o indivíduo autônomo desaparece e com ele, desaparece qualquer tentativa de ruptura.

Para Herbert Marcuse, a tecnologia, como modo de produção, reproduz a manifestação do pensamento e dos padrões de comportamento dominantes. Enfim, trata-se de um verdadeiro instrumento de controle e dominação. E isso ocorre em razão da organização do aparato industrial, voltado totalmente para a satisfação

das necessidades crescentes dos indivíduos. Para a grande maioria das pessoas, a extensão e o modo de satisfação são determinados por seu trabalho; mas é um trabalho que funciona com independência a quem os indivíduos têm de submeter-se se querem viver.

Na sociedade orientada em razão do progresso tecnológico a crescente produtividade de mercadorias e serviços traz consigo atitudes e hábitos prescritos, que acabam mobilizando a sociedade em seu todo, com a promessa utópica do ócio, do entretenimento e lazer organizados. A fabricação em série, o consumo articulado com a publicidade, construiu a mais perfeita forma de controle social e de imbecilização em massa até então conhecida.

Nesse sentido, a sociedade moderna, sustentada sob o progresso tecnológico, tende a tornar-se totalitária. E, portanto, pode exigir dos indivíduos, veladamente, a aceitação de seus princípios e instituições, pois tem como legítimo objetivo o aumento da produtividade para a satisfação das necessidades do homem.

Para Marcuse, o sentido da expressão “totalitária” não é utilizado apenas para caracterizar o sistema terrorista de governo, mas para definir o sistema específico de produção e distribuição em massa, que existe em razão da manipulação do poder inerente à tecnologia. A administração da sociedade unidimensional encarrega-se de gerar o bem-estar por todos os lugares e para todos, tornando ineficazes os protestos tradicionais¹.

Assim, o sistema de vida prescrito pela indústria moderna é, aparentemente, da mais alta eficácia, conveniência e eficiência, e aquele que seguir as instruções será bem-sucedido, subordinando sua espontaneidade ao poder anônimo que ordenou tudo para ele².

Para Marcuse, a dominação funciona como administração e orientação das necessidades e prazeres, escravizando o homem no trabalho e no lazer, preenchendo o tempo livre dos indivíduos com programações dirigidas, fabricando uma humanidade apta a consumir

¹ Nessa sociedade, o aparato produtivo tende a tornar-se totalitário no quanto determina não apenas as oscilações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais (MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 18).

² Em virtude do modo pelo qual organizou a sua base tecnológica, a sociedade industrial contemporânea tende a tornar-se totalitária. Pois ‘totalitária não é apenas uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnico-econômica não terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos. Impede, assim, o surgimento de uma oposição eficaz ao todo (MARCUSE, pp. 24, 25).

objetos inúteis, cuja obsolescência acaba por ser desejada (tudo contribui para transformar os instintos, os desejos e pensamentos humanos em canais que alimentam o aparato tecnológico), é um prazer assumido na representação. Depois de um dia de trabalho, para que os homens não desenvolvam sentimento de revolta contra o sistema, todo o lazer (shows, programações, prazeres), deverá ser orientado para manter a imbecilidade, de modo que as pessoas tenham, novamente, forças para voltar ao trabalho do dia seguinte.

Definitivamente, na sociedade tecnológica, a produção e a distribuição em massa reivindicam o indivíduo inteiro, através da invasão no seu espaço privado, na sua liberdade interior. Há uma identificação imposta do indivíduo com a sociedade e com a sociedade em seu todo.

Em síntese, a sociedade industrial avançada impõe uma racionalidade tecnológica. Ter sucesso e viver bem significa adaptar-se ao sistema, ou seja, às instituições, dispositivos e organizações da indústria. Não há lugar para a autonomia, para independência de pensamento, nem para o exercício da oposição, a única liberdade é de assumir o sistema³.

2. 2. A liberdade perdida

A autonomia da razão encontra seu cárcere no sistema de controle, produção e consumo padronizado. E os mecanismos da racionalidade institucional, difundidos por toda a sociedade, desenvolvem valores de verdade próprios, que servem ao funcionamento e reprodução do aparato industrial.

Com relação às necessidades, Herbert Marcuse realiza a distinção entre as necessidades falsas e as necessidades verdadeiras. As necessidades falsas são determinadas por condições externas, as quais o indivíduo não possui controle algum. Tais necessidades são produto de uma sociedade totalitária, repressora dos pensamentos e comportamentos humanos. Por outro lado, as necessidades verdadeiras

³ O fato de a grande maioria da população aceitar e ser levada a aceitar essa sociedade não a torna menos irracional e menos compreensível. A distinção entre consciência verdadeira e falsa, entre interesse real e imediato, ainda tem significado. Mas a própria distinção tem de ser validade. O homem tem de vê-la e passar da consciência falsa para a verdadeira, do interesse imediato para o interesse real. Só poderá fazê-lo se viver com a necessidade de modificar o seu estilo de vida. De negar o positivo, de recusar. É precisamente essa necessidade que a sociedade estabelecida consegue reprimir com a intensidade com que é capaz de 'entregar as mercadorias' em escala cada vez maior, usando a conquista científica da natureza para conquistar o homem cientificamente (MARCUSE, p. 17).

representam a realização de todas as necessidades vitais, reais, como o alimento, roupa, teto⁴.

Portanto, como o homem pode pensar e realizar a liberdade se ele acaba se identificando com a sociedade tecnológica? Para Herbert Marcuse, toda libertação é condicionada pela percepção da escravidão, e o surgimento desta consciência acaba sendo inviabilizado pela predominância das necessidades falsas e das satisfações repressivas do próprio indivíduo. O ideal seria a substituição das necessidades falsas e o abandono da satisfação repressiva, mas isto parece ser uma utopia para o autor⁵.

Na compreensão de Herbert Marcuse, a liberdade de escolher entre várias mercadorias e serviços não significa liberdade quando estas mercadorias e serviços mantêm o controle social sobre as pessoas⁶.

Assim, a racionalidade tecnológica, existente na sociedade industrial avançada, constitui-se em alienação do indivíduo, ou seja, na perda de sua individualidade, de sua racionalidade crítica. A alienação torna-se inteiramente objetiva. A sociedade industrial define tudo a partir da razão instrumental: formar-se significa conformar-se com o sistema e educar-se para o gasto, moral se torna sinônimo de adaptação e adequação ao sistema; todas as oposições ficam tão tênues, que a sociedade aproxima-se de um funcionamento sem atritos: “já que tudo é

⁴ Podemos distinguir tanto as necessidades verdadeiras como as falsas necessidades. ‘Falsas’ são aquelas superimpostas ao indivíduo por interesses sociais particulares ao reprimi-lo: as necessidades que perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça... A maioria das necessidades comuns de descansar, distrair-se, comportar-se e consumir de acordo com os anúncios, amar e odiar o que os outros amam, odeiam, pertence a essa categoria de falsas necessidades (MARCUSE, p. 26).

⁵ “Toda libertação depende da consciência de servidão e o surgimento dessa consciência é sempre impedido pela predominância de necessidades e satisfações que se tornaram, em grande proporção, do próprio indivíduo” (MARCUSE, p. 28).

⁶ Sob o jugo de um todo repressivo, a liberdade pode ser transformada em poderoso instrumento de dominação. O alcance da escolha aberta ao indivíduo não é fator decisivo para a determinação do grau de liberdade humana, mas o que pode ser escolhido e o que é escolhido pelo indivíduo... E a reprodução espontânea, pelo indivíduo, de necessidades superimpostas não estabelece autonomia; apenas testemunha a eficácia dos controles (MARCUSE, p. 28).

Ainda nesse sentido: Sua produtividade e eficiência, sua capacidade para aumentar e disseminar comodidades, para transformar o resíduo em necessidade e a destruição em construção, o grau com que essa civilização transforma o mundo objetivo numa extensão da mente e do corpo humanos tornam questionável a própria noção de alienação. As criaturas se reconhecem em suas mercadorias (MARCUSE, pp.29 e 30).

como é, para isso não há alternativas”, domestica-se o pensamento que, totalmente integrado à engrenagem, não percebe a dominação⁷.

A sociedade industrial avançada transforma todo progresso científico-tecnológico em instrumento de dominação e esta dominação estende-se a todas as esferas da vida pública e privada, integra toda oposição autêntica, absorve todas as alternativas. A racionalidade tecnológica revela o seu caráter político ao se tornar o melhor veículo de dominação, criando um universo totalitário, no qual a sociedade, a natureza, o corpo e a mente mantêm-se num estado de permanente mobilização para defesa desse universo.

A partir da análise marcuseana, vê-se que a dominação do mundo capitalista globalizado está necessariamente atrelada à uniformidade do comportamento do indivíduo que, pensando estar consciente de se achar vivendo um estilo de vida libertário, acaba abrindo mão de sua autonomia e a produção em massa mecanizada acaba por preencher os espaços nos quais a individualidade poderia se afirmar.

Há uma razão instrumental, imposta a todos, que constitui a ideologia da sociedade tecnológica avançada. Ideologia esta que controla a natureza, o corpo e a mente humana, fazendo com que a liberdade na sociedade industrial seja uma liberdade de morte.

Para Herbert Marcuse, o processo de emancipação somente se viabilizará com a "Grande Recusa", ou seja, uma recusa absoluta do sistema de vida estabelecido, que deve ocorrer através de manifestações revolucionárias lideradas pela juventude, e não propriamente pelo proletariado. O proletariado, anteriormente, móvel da transformação social, transformou-se no fermento da coesão social, pois inserido no sistema do aparato tecnológico destituiu-se de qualquer forma tradicional de protesto (No livro *Eros e Civilização*, o autor aborda tal protesto da juventude contra a sociedade tecnológica, que disciplina o corpo e a mente dos seres humanos).

Janine Barreira Leandro*

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará

Professora do Instituto Teológico-Pastoral do Ceará

⁷ “Surge assim um padrão de pensamento e comportamento unidimensionais, no qual as idéias, as aspirações e os objetivos... são redefinidos pela racionalidade do sistema” (MARCUSE, p. 32).